

INTERVENÇÕES DE ENFERMAGEM NO COMBATE DA AUTOMEDICAÇÃO EM IDOSOS

Vitória Kelly Mendes Vieira Neri ¹

Kalyanne Mayara Luna Alves ²

Maria Karoline Santos Lima ³

Millena Cavalcanti Ramalho ⁴

INTRODUÇÃO

Observa-se que mudanças na qualidade de vida, saúde, padrões de consumo e no comportamento relacionado à fecundidade e mortalidade no último século levam ao aumento da longevidade. O envelhecimento populacional tornou-se um fenômeno mundial. O Brasil é considerado um país estruturalmente envelhecido, pois os idosos correspondem a 10,7% da população, cerca de 19 milhões de pessoas. (NEVES *et al.*, 2013).

No Brasil, estudos populacionais sobre o consumo de medicamentos evidenciam o uso crescente com a idade, tanto em pequenos povoados do interior como em grandes centros urbanos. Assim como o número de indivíduos idosos vem aumentando, o consumo de medicamento por esta população acompanha esta tendência. Os idosos são, possivelmente, o grupo etário mais medicalizado na sociedade, devido ao aumento da prevalência de doenças crônicas com a idade. “No Brasil muitos indivíduos estão hoje vivendo por mais tempo sem, necessariamente, dispor de melhores condições socioeconômicas e sanitárias”. (MINAYO, 2002, p. 25).

Assim, os medicamentos representam um dos itens mais importantes da atenção à saúde do idoso. As causas de adoecimento e morte neste grupo específico são de etiologia multifatorial e funcional. Associa-se a isso a imensa variedade e disponibilidade de especialidades farmacêuticas e associações de fármacos sem racionalidade terapêutica que justifique a sua comercialização no vasto mercado farmacêutico. Observa-se também que os medicamentos são alvos de medidas que estimulam o seu consumo como: propagandas, descontos e promoções, tendo na maioria das vezes o idoso como público alvo. (BENVEGNÚ, FLORES, 2008).

A automedicação é definida como o uso de medicamentos sem prescrição médica, na qual o próprio paciente decide qual fármaco utilizar, aconselhado quase na totalidade por pessoas não habilitadas, como amigos, familiares ou balconistas de farmácia. (ALMEIDA, FILHO, PINHEIRO, 2013).

Ainda para Almeida, Filho e Pinheiro (2013) tal prática significa um problema de saúde pública, pois denotam variados pontos negativos como efeitos adversos, reações alérgicas, intoxicações, interações medicamentosas e também pode retardar o diagnóstico de alguma patologia. Portanto, fazem-se necessários conhecimentos e habilidades específicas sobre farmacologia, interação e reações medicamentosas, almejando evitar problemas.

Diante dessa realidade, o presente artigo tem como objetivo realizar uma revisão sistemática, através de um levantamento bibliográfico sobre a automedicação em idosos e as possíveis intervenções de enfermagem para minimizar esse problema de saúde pública. O

¹Graduanda do Curso de Enfermagem da Unifacisa, CG, vitoriakelly1616@gmail.com;

²Graduanda do Curso de Enfermagem da Unifacisa, CG, mklima1819@gmail.com;

³Graduanda do Curso de Enfermagem da Unifacisa, CG, kaly.luna.alves@gmail.com;

⁴ Professora orientadora: Enfermeira. Mestre em Saúde Pública, Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, CG, millena_cavalcanti@hotmail.com.

papel do profissional de enfermagem ganha mais relevância científica e social, principalmente, nesta faixa etária em que há maior probabilidade de ocorrência de doenças crônico-degenerativas, perdas afetivas e funcionais.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão sistemática, que assim como outros tipos de estudo de revisão, é uma forma de pesquisa que utiliza como fonte de dados a literatura sobre determinado tema. Esse tipo de investigação disponibiliza um resumo das evidências relacionadas a uma estratégia de intervenção específica, mediante a aplicação de métodos explícitos e sistematizados de busca, apreciação crítica e síntese da informação selecionada. As revisões sistemáticas são particularmente úteis para integrar as informações de um conjunto de estudos realizados separadamente sobre determinada terapêutica/ intervenção, que podem apresentar resultados conflitantes e/ou coincidentes, bem como identificar temas que necessitam de evidência, auxiliando na orientação para investigações futuras. (SAMPAIO; MANCINI, 2007).

O levantamento bibliográfico, através do material coletado foi realizado no período de 05 de Maio a 24 de Maio de 2019, utilizando artigos a partir das bases de dados LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), BVS (Biblioteca Virtual em Saúde) e Scielo (Scientific Electronic Library Online) tendo como critério de inclusão aqueles que foram publicados entre os anos 2000 e 2019, em idioma português e que apresentassem o tema discutido. Como critério de exclusão optou-se por não utilizar textos incompletos e artigos que não responderam à pergunta da pesquisa ou que tinham outro idioma, que não o português. Os descritores utilizados foram: Automedicação, Idoso, Saúde Pública, Enfermagem.

DESENVOLVIMENTO

ENVELHECIMENTO E AUTOMEDICAÇÃO

O envelhecimento é considerado um processo dinâmico e progressivo, no qual há modificações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas que determinam a perda da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, levando-o à maior vulnerabilidade e incidência de processos patológicos. (PAPALÉO NETTO, 2007).

As doenças crônicas e as manifestações clínicas decorrentes do envelhecimento apresentam-se como os principais elementos responsáveis pelo consumo de múltiplos medicamentos, o que torna a população idosa mais suscetível à prática da automedicação. (SECOLI, 2010).

O fácil acesso aos medicamentos e a troca de conhecimento entre pessoas leigas induzem os indivíduos a automedicação. No entanto, os idosos são os que mais adotam a prática do autocuidado, pois nessa fase da vida existe uma grande possibilidade de desenvolver doenças crônicas como: hipertensão artérias sistêmica, patologias osteoarticulares, diabetes e entre outras. Além disso, tendem há apresentar mais risco já que apontam maiores alterações fisiológicas afetando o metabolismo das medicações e sujeitos as ações adversas destes. (LUZ; LIMA; MONTEIRO, 2013).

A esse respeito, é preciso considerar que automedicação é o consumo de medicamentos sem indicação por escrito do profissional de saúde e sim, por parentes, amigos, vizinhos ou através do fácil acesso e conhecimento. (MONTEIRO *et al*, 2014).

A automedicação nos idosos é uma questão social muito alarmante, visto que estes se encontram numa fase, onde se queixam de muitas algias, o que pode leva-los a automedicar-se. (LUZ; LIMA; MONTEIRO, 2013).

A grande quantidade de medicamentos utilizados levam a diminuição das funções farmacocinéticas (absorção, distribuição, metabolismo e excreção dos fármacos) e farmacodinâmicas (efeito biológico e terapêutico dos fármacos no local de ação) e o idoso tende a sofrer mais efeito negativo nas terapias medicamentosas. (ELIOPOULOS, 2011).

OS FATORES ASSOCIADOS À UTILIZAÇÃO DA AUTOMEDICAÇÃO EM IDOSOS

Segundo Silva (2016), a automedicação tem caráter de autocuidado à saúde, sendo uma prática comum pela população brasileira. Existem vários fatores associados à automedicação, destaca-se: sobra de medicamentos, a utilização de prescrições antigas; indicação de amigos e familiares; experiências anteriores positivas; propagandas irresponsáveis e dificuldade de acesso aos serviços de saúde.

De acordo com Costa e Miceli (2017), a população idosa se constitui uma parte representativa da sociedade que se encontra mais suscetível ao uso desregrado de medicamentos, devido aos declínios fisiológicos do envelhecimento, que tentam retardá-las através da farmacoterapia sem recomendação de um profissional de saúde.

A dor é considerada a principal causa para o manejo da automedicação, pois os estudos têm mostrado que esse hábito está associado à presença de sinais e sintomas menores como a dor e a febre, já as doenças crônicas levam ao maior consumo de medicamento prescrito. (MONTEIRO; AZEVEDO; BELFORT, 2014).

Segundo Cunha e Santos (2017), idosos com menor taxa de escolaridade e baixa renda possuem menor acessibilidade aos serviços de saúde, menor compreensão de seu tratamento e do seu autocuidado, ou seja, a renda é um fator determinante para a saúde do idoso.

Vários fatores colaboram para essa situação, a falta de acesso ao atendimento médico, seja ela por questões financeiras ou por acreditarem na indicação de outra pessoa e as propagandas enfatizadas ao público consumidor, são os principais. (FAVARO *et al*, 2017).

OS RISCOS DA AUTOMEDICAÇÃO EM IDOSOS

Menos líquido intracelular, aumento do pH gástrico, débito cardíaco e circulação reduzidos e desaceleração do metabolismo são mudanças associadas ao envelhecimento que podem tornar mais lenta a absorção dos medicamentos. (ELIOPOULO, 2011).

A utilização de grande quantidade e variedade de medicamentos, principalmente por meio da automedicação, podem causar efeitos adversos (confusão, tontura, quedas, desequilíbrios hídricos e eletrolíticos), resistência de microrganismos, intoxicação medicamentosas, sangramento digestivos, reações de hipersensibilidade e também aumenta o risco de interações. (ELIOPOULOS, 2011; SILVA, 2016).

O uso indiscriminado de medicamentos em idosos pode aumentar a chance de possíveis riscos desenvolvidos na prática da automedicação, além de refletir na absorção, distribuição, metabolismo e excreção dos fármacos, através das alterações fisiológicas decorrentes ao envelhecimento, tem a possibilidade de ocorrer erros na administração por uma

série de dificuldades e falta de cuidado como: problema na visão, lembrar-se de administrar na hora correta e confusão na identificação. (AGUIAR, PEREIRA, 2018).

INTERVENÇÕES DE ENFERMAGEM QUANTO A AUTOMEDICAÇÃO

As doenças infectocontagiosas é um dos problemas caso o cliente não procure as unidades de saúde e opta pelo autocuidado, frequentemente de forma inadequada, permitindo a transmissão para outros. Segundo Oliveira (2015), cabe ao enfermeiro, durante a prestação de cuidados, compreender a forma como a pessoa mobiliza os seus recursos para conseguir realizar o seu autocuidado, no sentido de desenvolver terapêuticas que vão ao encontro das necessidades identificadas.

Segundo Naves (2010), o fornecimento de medicamentos nas farmácias não se faz acompanhar de orientações educativas ou preventivas de qualidade. Além de induzir a erros como a utilização de medicamentos impróprios, dose e frequência inadequadas, podem provocar intoxicação e acarretar possíveis interações medicamentosas.

O que pode ser considerado um sério problema de saúde pública, tornando um desafio aos profissionais de saúde por se tratar de uma calamidade social que abrange todas as classes sociais, faixas etárias e gênero. Por tanto, o enfermeiro tem a ação de identificar as principais causas para traçar um modelo eficaz de promoção da saúde e prevenção com abordagem significativa, desenvolvendo a atenção continuada, integral e humanizada, orientando os usuários ao uso racional de medicamentos e também atualizando as equipes de saúde e a comunidade através de atividades educativas e pedagógicas. (VERNIZI, 2016).

O profissional habilitado deve orientar a população idosa sobre o medicamento visando à diminuição de risco e a maior eficácia possível. Tornando assim necessário que os profissionais das equipes de saúde busquem aprofundamento científico sobre a automedicação por idosos e orientações conscientes. Além disso, os profissionais devem ter conhecimentos sobre as maneiras de se orientar um idoso e saber a importância de passar as devidas informações necessárias com vocabulário adequado ao público alvo. (ARAÚJO, *et al*, 2019).

Na atenção primária à saúde, o enfermeiro tem um amplo espaço para intervir, por meio das consultas de enfermagem dentro da unidade ou em domicílio e através da educação em saúde, podendo realizar em nível individual ou coletivo. (SILVA *et al.*, 2014).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O organismo do idoso apresenta alterações em suas funções fisiológicas que não devem ser desconsideradas. Essas alterações levam a uma farmacocinética diferenciada e maior sensibilidade aos efeitos terapêuticos e adversos dos fármacos. Alguns medicamentos são considerados impróprios para idosos por redução de sua eficácia terapêutica ou por apresentarem risco aumentado de efeitos adversos que superam seus benefícios. (AMARAL, *et al*, 2013).

Ainda para Amaral *et al* (2013) a automedicação coloca em risco a saúde da população idosa. Essa prática pode acentuar os riscos relacionados aos medicamentos prescritos, retardar o diagnóstico adequado e mascarar uma doença.

Como fator de risco para os PRMs (Problemas relacionados a medicamentos), encontra-se a automedicação, que é o uso de medicamento sem a prescrição, orientação e ou acompanhamento do médico ou dentista. A familiaridade do leigo com os medicamentos, as experiências positivas anteriores e a dificuldade de acesso a serviços de saúde são fatores que contribuem para a automedicação. Apesar de constituir prática que pode tornar fácil o

autocuidado, permitir a recuperação de pequenas indisposições e aliviar a sobrecarga dos serviços médicos, existe a possibilidade de agravamento de problemas de saúde como, por exemplo, os causados por doenças infectocontagiosas, em que a carência de tratamento adequado faz com que enfermos permaneçam transmissores inclusos. Além do atraso na busca do tratamento mais adequado, interações entre medicamentos, risco de reações adversas, toxicidade e abuso no consumo de medicamentos tornam-se possíveis. (BORTOLON, et al, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há de se considerar que são inegáveis os benefícios terapêuticos conseguidos com o uso correto dos medicamentos, no entanto seu elevado consumo entre idosos pode acarretar riscos à saúde devido à diminuição do fluxo sanguíneo hepático, eliminação renal diminuída, concentração baixa de albumina sanguínea e mudanças no padrão cognitivo, que pode gerar interpretações errôneas sobre a indicação e modo de uso dos princípios ativos.

O uso de medicamentos praticamente triplica à medida que o indivíduo envelhece, pois a tolerância a sintomas agudos, por exemplo a dor, é reduzida e a frequência deste aumento pode ser ainda maior quando consideradas as práticas de automedicação.

Fatores como a familiaridade com o medicamento, experiências positivas anteriores, a função simbólica que os medicamentos exercem sobre a população e as dificuldades de acesso aos serviços de saúde contribuem para a automedicação. Diante disso, idosos que se automedicam estão mais vulneráveis a riscos de intoxicação e até as situações mais extremas como o óbito acidental.

Dessa forma, devido ao crescente número de idosos que se automedicam e os riscos dessa prática, fazem-se necessárias medidas de intervenções para este problema, sendo papel do profissional de enfermagem promover medidas educativas com os idosos a fim de buscar minimizar essa prática elucidando para os mesmos os que este hábito pode causar. Com a condução adequada, a população idosa estará mais consciente do papel do medicamento e de como realizar o uso racional, reduzindo assim os riscos à saúde. Aponta-se para a necessidade da equipe de enfermagem tornar reais as soluções no âmbito de educar e informar a população, pois, como demonstrado neste trabalho, a automedicação está também relacionada à falta de informações.

Palavras-chave: Automedicação; Idoso; Saúde Pública; Enfermagem.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. G. P. FILHO, P. C. P. T. PINHEIRO, M. L. P. Automedicação em idosos: um problema de saúde pública. **Rev. enferm. UERJ**, Rio de Janeiro; v.21, n. 2, p. 197-201, abr/jun, 2013. Disponível em: < <http://www.facenf.uerj.br/v21n2/v21n2a10.pdf>> Acesso em: 20 de Mai. 2019.

AMARAL, R. G. et al. Consumo de medicamentos por idosos, Goiânia. **Brasil. Rev Saúde Pública**. Goiânia, GO, 47(1):94-103, 2013. Disponível em: < <https://www.scielosp.org/pdf/rsp/2013.v47n1/94-103/pt> > Acesso em: 20 de Mai. 2019.

ARRUDA, I. K. G. et al. Epidemiologia do uso de medicamentos entre idosos em área urbana do Nordeste do Brasil. **Rev. Saúde Pública**. São Paulo, v.47 n. 4, ago, 2013. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003489102013000400759&lng=pt&tlng=pt> Acesso em: 18 de Mai. 2019.

BARROSO, S. C. C. et al. Perfil de medicamentos utilizados por automedicação por idosos atendidos em centro de referência. **Einstein**. São Paulo, v.16, n.4, p. 1-7, 2018. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/eins/v16n4/pt_1679-4508-eins-16-04-eAO4372.pdf> Acesso em: 10 de Mai. 2019.

BARROS, M. B. A. et al. Automedicação em idosos residentes em Campinas, São Paulo, Brasil: prevalência e fatores associados. **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, 28(2):335-345, fev, 2012. Disponível em: < <https://www.scielosp.org/pdf/csp/2012.v28n2/335-345/pt>> Acesso em: 20 de Mai. 2019.

BENVEGNÚ, L. A. FLORES, V. B. Perfil de utilização de medicamentos em idosos da zona urbana de Santa Rosa, Rio Grande do Sul, Brasil. **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, 24(6):1439-1446, jun, 2008. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/csp/v24n6/24.pdf>> Acesso em: 10 de Mai. 2019.

BORTOLON, P. C. et al. Análise do perfil de automedicação em mulheres idosas brasileiras. **Ciência & Saúde Coletiva**. Brasília, 13(4):1219-1226, 2008. Disponível em: <<https://www.scielosp.org/pdf/csc/2008.v13n4/1219-1226/pt>> Acesso em: 20 de Mai. 2019.

CARVALHO, A. C. et al. Consumo de medicamentos por idosos de uma unidade básica de saúde de Rondonópolis/MT. **Estud. interdiscipl. envelhec.**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 79-94, 2014. Disponível em: < <http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-731595>> Acesso em: 10 de Mai. 2019.

NASSAU, F. M. Uso de medicamentos e assistência de enfermagem ao idoso hipertenso na atenção primária à saúde: uma revisão da literatura. 2009. 33f. Monografia (Especialização em Atenção Básica a Saúde da Família) – Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Minas Gerais, MG, 2009. Disponível em: < <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/0399.pdf>> Acesso em: 20 de Mai. 2019.

PEREIRA, F. G. F. ARAÚJO, M. J. O. PEREIRA, C. R. et al. Automedicação em idosos ativos. **Rev enferm UFPE on line.**, Recife, 11(12):4919-28, dec., 2017. Disponível em: < <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/viewFile/22289/25307>> Acesso em: 20 de Mai. 2019.

PEREIRA, J. R. et al. Riscos da automedicação: tratando o problema com conhecimento. **Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE**. Disponível em: < http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/premio_medica/pdfs/trabalhos/mencoes/januarina_ramos_trabalho_completo.pdf> Acesso em: 18 de Mai. 2019

SAMPAIO, R. F. MANCINI M.C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Rev. bras. Fisioter.** São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83-89, jan/fev, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbfis/v11n1/12.pdf>> Acesso em: 10 de Mai. 2019.